

## PROCESSO DE INCLUSÃO NO BERÇÁRIO I ATRAVÉS DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Elisângela de Sousa Barbosa<sup>1</sup>; Kiarria Cavalcante da Silva<sup>2</sup>; Francisco Roberto Coura de Assis<sup>3</sup>

**Resumo:** Este artigo traz uma breve observação sobre Contação de história no processo de inclusão na turma do berçário I. Foi trabalhado com a metodologia da pesquisa bibliográfica, sendo assim, a abordagem qualitativa como pressuposto. As pesquisas e leituras de Legislações e autores que contribuí para as informações. O principal objetivo desse estudo é enfatizar a prática de leitura lúdica que proporcione à curiosidade, a atenção, a interação e a estimulação dos bebês com deficiência, partindo assim, das leis e direitos. Sendo constatado a necessidade, de modo geral, de adaptar as histórias encontradas em livros, resumindo em um curto período de tempo. Acredita-se que partindo desse pressuposto, os bebês com deficiências poderão interagir, contribuindo com o seu desenvolvimento.

**Palavras-chave:** Contações de História. Bebês. Deficiências.

**Abstract:** This article brings a brief observation about Storytelling in the process of inclusion in the nursery class I. It was worked with the methodology of the bibliographic research, being thus the qualitative approach as presupposition. The researches and readings of legislations and authors that contributes to the information. The main objective of this study is to emphasize the practice of playful reading that provides the curiosity, attention, interaction and stimulation of the disabled babies, starting from the laws and rights. The general need is to adapt the stories found in books, summarizing in a short period of time. It is believed that from this assumption, babies with disabilities will be able to interact, contributing to their development.

**Keywords:** History accounts. Babies. Deficiencies.

### 1 INTRODUÇÃO

O referido trabalho foi estruturado para abordar a questão da inclusão de pessoas com deficiência por meio das contações de histórias lúdicas, na intenção de saber como é desenvolvido o processo de inclusão destes Bebês.

O processo de inclusão deve começar desde o início da vida escolar da criança. Como hoje em dia tem muitas mães que trabalham e precisam deixar seus filhos em creches,

---

<sup>1</sup>Bacharel em Pedagogia da Faculdade Internacional da Paraíba. Elisângela de Sousa Barbosa: [elisangelasb@gmail.com](mailto:elisangelasb@gmail.com). <sup>2</sup>Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (2010). Especialista em Psicopedagogia Institucional. Foi professora voluntária na APAE, Santa Rita. Atualmente professora do Berçário I (Prefeitura de João Pessoa). Email: [kiariasilva@hotmail.com](mailto:kiariasilva@hotmail.com). <sup>3</sup>Bacharelato e Licenciatura em Filosofia e Pedagogia. Especialista em Psicopedagogia. Docência do Ensino Superior e LIBRAS. Professor da Faculdade Internacional da Paraíba. E-mail: [profcoura@gmail.com](mailto:profcoura@gmail.com). (83) 3322.3222

percebe-se a necessidade de enfatizar a inclusão de bebês na realização das atividades de contação de história.

A turma do Berçário I, normalmente é uma turma que chora muito por ter bebês que ainda mamam, por ter a imagem da mãe ou/e do pai sempre presentes, que tem suas dificuldades, mas também seus avanços. A maioria dos bebês tem seis meses a um ano e três meses de idade, quando entra na instituição, eles ainda não falam, tem pouco equilíbrio e coordenação motora.

Os bebês com deficiência, como os hiperativos, os autistas e com baixa visão, foi o foco neste artigo, embora seja difícil no início detectar as deficiências de cada bebê quando não se tem um laudo médico, cabendo aos profissionais da educação perceber algumas atitudes dos bebês, e pedir a mãe ou responsável levar seu bebê ao médico para ter um laudo correto.

A questão que norteia esse estudo parte do seguinte pressuposto: É possível, por meio da contação de história lúdica, incluir um bebê com deficiência no contexto pré-escolar?

Partindo deste pressuposto vai ser exposto ao decorrer do trabalho, de acordo com as leis e as experiências adquiridas, a possível inclusão destes bebês nas contações de histórias.

## **2 METODOLOGIA**

Nesse estudo buscou trabalhar com uma abordagem qualitativa. Quanto aos procedimentos realizados neste trabalho, esta pesquisa pode ser classificada como bibliográfica. Segundo Neves (2013), a pesquisa bibliográfica compreende em um levantamento de um tema pré-determinado, com bases extraídas de diferentes fontes como, artigos de revistas, bibliotecas digitais, livros, teses, anais, periódicos, entre outros, podendo ser nacionais ou internacionais.

As etapas do trabalho realizado foram inicialmente pesquisar sobre o assunto, observar as contações de histórias que deve ser trabalhada com os bebês com deficiências e quais os tipos de matérias que devem ser utilizados. As etapas são encadeadas em nível crescente de acordo com as dificuldades que o educador vai encontrando.

A interação com os bebês vai partir da curiosidade deles em querer saber sobre as histórias contadas, através de várias dramatizações, de fantoches, de dedoches, das imagens de livros, de brinquedos e materiais que são usados para a construção de histórias. A partir

desse pressuposto são trabalhados os seguintes aspectos: a criatividade, a percepção visual e auditiva, a Expressão Oral, os movimentos e gestos, entre outros.

A situação-problema que podemos identificar é a falta de atenção das crianças no começo, onde as mesmas, aos poucos começaram a interagir durante as contações.

Como as famílias nem sempre incentivam, e as vezes transmitem o valor da leitura, a escola deve assumir este papel, promovendo acessibilidade às bibliotecas, permitindo assim a valorização e prazer pela leitura.

Os bebês com deficiências devem ser citados nesse processo de ensino e aprendizagem, partindo da observação do educador, onde o mesmo observará os seguintes domínios dos bebês: a motricidade, a oralidade, a cognição, o domínio pessoal-social entre outras observações.

De acordo com a Associação Americana de Desenvolvimento Mental (apud Voivodic, 2007, p. 43) “é a condição na qual o cérebro está impedido de atingir seu pleno funcionamento, prejudicando a aprendizagem e a integração social do indivíduo”, tendo por consequência, um atraso nas áreas do desenvolvimento físico e mental em maior ou menor grau.

As etapas de trabalhos que foram definidas são: a identificação da turma (berçário I), em seguida as dificuldades que devem ser encontradas, a identificação dos bebês com deficiências e após a identificação começar a trabalhar com pequenas contações de histórias em sala de aula, com dramatização e confecção de materiais lúdicos que utilizamos durante a realização da contação. As contações devem ser lúdicas, com dramatização, com fantoches e materiais lúdicos.

Devem ser planejados contações de história de acordo com a idade das crianças e de acordo com a capacidade de assimilação de cada. Segundo BUSATTO, 2006, P.10, contar histórias é uma arte porque traz significações ao propor um diálogo entre as diferentes dimensões de ser.

### **3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

#### **3.1 LEGISLAÇÃO EDUCACIONAL E A EDUCAÇÃO ESPECIAL NO BRASIL**

No Brasil, a Constituição de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) nº 9394/96 destacam a importância e urgência de se promover a inclusão dos

educandos com necessidades especiais no âmbito educacional. A Constituição de 1988 deixa claro em seu art. 208, caput III, o dever do Estado com a educação especial, o mesmo deve garantir “o atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência preferencialmente na rede regular de ensino.” (BRASIL, 1994). Segundo a LDB, os sistemas educacionais federais, estaduais e municipais, assim como os da rede de escolas privadas, têm empenhado esforços no sentido de incluir esses alunos na escola regular (BRASIL, 1996). Porém, alguns sistemas de pré-escolas ainda resistem em trabalhar e oferecer apoio aos educandos com deficiências e prestar um serviço adequado.

Na LDB - 9394/96, parágrafo segundo do artigo 58 da LDB, na qual se trata a educação especial, é enfatizado que: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (1996).

É interessante apresentar que a inclusão dos educandos com deficiência na rede regular de ensino, também, se ampara na resolução do Conselho Nacional de Educação CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, que determina que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos e que é função da escola organiza-se para os atendimentos dos alunos portadores de necessidades especiais, dotando-se de recursos humanos e materiais que sustentem o processo de educação inclusiva (BRASIL, 2001). Assim, é dever da escola regular adaptar-se para receber e oferecer o melhor serviço, também, aos alunos com necessidades especiais.

Segundo a Lei nº 13.146 - Estatuto da Pessoa com Deficiência no Capítulo IV enfatiza o Direito à educação, partindo do Art. 27º onde: “A educação constitui direito da pessoa com deficiência, assegurados sistema educacional inclusivo em todos os níveis e aprendizado ao longo de toda a vida, de forma a alcançar o máximo desenvolvimento possível de seus talentos e habilidades físicas, sensoriais, intelectuais e sociais, segundo suas características, interesses e necessidades de aprendizagem.” (BRASIL, 2015), no entanto cabe à escola estar preparada para atender a todos os alunos com deficiências, propiciando um o atendimento de qualidade e de grande responsabilidade, possibilitando assim uma escolarização adequada à necessidade de cada um desses.

Cabe ressaltar que, não se torna apenas responsabilidade da comunidade que trabalha com a pré-escola dá a sua contribuição, mas também é dever do Estado, da família e da

sociedade assegurar educação de qualidade à pessoa com deficiência, colocando-a a salvo de toda forma de violência, negligência e discriminação.

### 3.2 RELAÇÃO EDUCAÇÃO INFANTIL E EDUCAÇÃO ESPECIAL

A educação infantil surgiu a partir da necessidade das mães que precisavam trabalhar e não tinham com quem deixar seus filhos. Inicialmente foram criadas as creches, por conta do processo de urbanização, no objetivo de dá assistência a essas mães, porém, a educação infantil nessa época (década de 1970) expandiu desordenadamente gerando precarização no atendimento, feito por profissionais que não tinham formação pedagógica.

O Ministério da Educação em 1975, assumi responsabilidades ao criar a coordenação da Educação Pré-escolar (atualmente na idade de 4 a 5 anos). Logo, o Governo Federal deu continuidade promovendo políticas públicas em relação à Educação Infantil, com o objetivo de expandir, atendendo assim, crianças de 0 a 6 anos (atualmente 0 a 5 anos). Cria assim, em 1977, no Ministério da Previdência e Assistência Social, a Legião Brasileira de Assistência (LBA), tendo o objetivo de coordenar o serviço de diversas instituições onde eram divididas em: comunitárias, confessionais e filantrópicas. A LBA foi extinta em 1995, mas o Governo Federal continuou a repassar recursos para as creches por meio da assistência social.

A educação infantil passou por vários desafios, um deles foram os prédios precários e falta de verbas para investir. Além disso, o desafio de ter profissionais com qualificação e formação para a área da educação como ressalta OLIVEIRA:

A educação infantil precisa ser muito qualificada, deve incluir o acolhimento, a segurança, o lugar para a emoção, para o gosto, para o desenvolvimento da sensibilidade; não pode deixar de lado o desenvolvimento das habilidades sociais, nem o domínio do espaço e do corpo, das modalidades expressivas; deve privilegiar o lugar para a curiosidade, o desafio e a oportunidade para a investigação, tudo isso constitui conhecimento escolar na educação infantil e faz parte da experiência curricular. (2008, p.14)

Atualmente, observa-se que a realidade da educação infantil está bem diferente, a exigência tem sido maior para os profissionais. Em algumas prefeituras percebe-se que tem profissionais com formação acadêmica para trabalhar com as crianças, cujo, esses profissionais recebem cursos e formações durante todo ano letivo, no objetivo de adquirir e trocar experiências com outros profissionais.

Além disso, para OLIVEIRA (2008, p.15): "O campo da Educação Infantil deve ser compreendido com um tempo e espaço destinado ao pleno desenvolvimento da criança." Entretanto, temos visto que a realidade da Educação Infantil vem se renovando constantemente, no objetivo de que a criança aprende tudo que lhe é transmitido sejam conhecimentos positivos ou negativos e seu comportamento diante do mundo são reflexos do seu cotidiano.

A Educação Especial, a partir de 1970, passou a ser discutida com criações de instituições públicas e privadas, órgãos normativos federais e estaduais e de classes especiais. Com a Declaração de Salamanca (1994) iniciou-se a caminhada para a Educação Inclusiva, onde esta é um processo educacional, com a inclusão dos alunos com deficiência, com apoio necessário. A educação especial se inicia com muita luta, porém ganha força a partir da Declaração de Salamanca em 1994, da Constituição de 1988 e da LDB (1996).

A partir de 1930, a sociedade civil começa a organizar-se em associações de pessoas preocupadas com o problema da deficiência: a esfera governamental prossegue a desencadear algumas ações visando a peculiaridade desse alunado, criando escolas junto a hospitais e ao ensino regular, outras entidades filantrópicas especializadas continuam sendo fundadas, há surgimento de formas diferenciadas de atendimento em clínicas, institutos psicopedagógicos e outros de reabilitação geralmente particular a partir de 1500, principalmente, tudo isso no conjunto da educação geral na fase de incremento da industrialização do BR, comumente intitulada de substituição de importações, os espaços possíveis deixados pelas modificações capitalistas mundiais (JANNUZZI, 2004 p.34).

O autor relata que o governo contribui parcialmente com as entidades que apoiam a educação especial, aqui no Brasil, existem algumas instituições que colaboram, como a APAE, a FUNAD entre outras instituições filantrópicas.

Essa relação Educação Infantil e a Educação Especial vem crescendo com a inclusão das crianças com deficiências nas Creches, tendo assim, o apoio dos cuidadores, em sala de aula juntamente com o professor. A educação especial se volta atualmente à tarefa de complementar, dando apoio à formação das crianças, por meio do ensino de conteúdos e utilização de recursos que lhes conferem a possibilidade de acesso, permanência e participação nas turmas comuns de ensino regular, com autonomia e independência.

Neste sentido, a Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva (2008), trouxe novas concepções à atuação da educação especial, em nossos sistemas de ensino. Não diferenciando um ensino do outro, mas possibilitando a inclusão dessas crianças no ensino regular juntamente com as outras crianças.

O Plano Nacional de Educação – PNE (2011-2020) universaliza a população de 4 a 17 anos o Atendimento Educacional Especializado (AEE), onde o Ministério da Educação amplie e fortaleça as ações em desenvolvimento, articulado com os sistemas de ensino estaduais e municipais, onde as crianças com deficiências terão o acesso a creches e escolas regular, tendo assim a criação de metas e estratégias para atender as necessidades como: criação de salas multifuncionais, materiais didáticos, transporte acessível, equipamentos entre outros recursos.

### 3.3 O LÚDICO E A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

Lúdico vem da origem latim *ludos* que se refere a toda atividade ligada a brinquedos, **jogos** e o **divertimento** como uma forma de recreação. As atividades lúdicas tem o objetivo à aprendizagem por meios de ações e brincadeiras que seja prazeroso.

Partindo das atividades lúdicas compreende-se que as interações entre os bebês promovem melhor o convívio social e o desenvolvimento psíquico-emocional, assim como, a memorização de fatos e dados se estabelece de forma significativa. A contação de história é um instrumento valioso no processo educativo, devido ao aspecto lúdico. Ou seja,

(...) as histórias são verdadeiras fontes de sabedoria, que têm papel formador da identidade. Há pouco tempo, elas foram redescobertas como fonte de conhecimento de vida, tornando-se também um grande recurso para educadores. Com o advento da comunicação, ampliação dos seus recursos e a globalização das informações, a linguagem falada tende a definhir, porém, concomitante a esse desenvolvimento, surgiu uma necessidade de resgatar os valores tradicionais e a própria natureza humana. A tradição oral dos contos, não só não reapareceu, como está ganhando força nos últimos tempos. (BUSATTO, 2006, p.21)

Sisto (2005) enfatiza que a história contada com o lúdico permite também aquisições em diversos níveis, isto é, contar histórias para as crianças permite conquistas, no mínimo, nos planos psicológico, pedagógico, histórico, social, cultural e estético. Contar história é uma experiência de interação, ou seja, o ver, sentir e ouvir são as primeiras disposições na memória das pessoas.

As histórias têm como valor específico o desenvolvimento das ideias, e cada vez que elas são contadas acrescentam às crianças novos conhecimentos. O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal, tudo pode nascer dum texto! (SISTO, 2001, p.23)

O ouvir as histórias estimular os bebês, principalmente os que possuem deficiência, pois os mesmos ficam atentos, interagem socialmente, desenvolve o seu psicológico e a oralidade. As contações de histórias têm um valor significativo no momento que se tem um propósito, não contar história apenas por contar.

Ler histórias para as crianças, sempre, sempre...É poder sorrir, rir, gargalhar com as situações vividas pelas personagens, com a ideia do conto ou com o jeito de escrever dum autor e, então, poder ser um pouco cúmplice desse momento de humor, de brincadeira, de divertimento...É também suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras ideias para solucionar questões. (ABRAMOVICH, 2001. p. 17)

Os bebês com deficiências quando fazem parte da contação de história, eles manuseiam materiais concretos, tocam e observam os livros com imagens e texturas. Daí se dá a importância de envolvê-los, sabendo que os desenvolvimentos deles podem ser a longo ou curto prazo, dependendo da interação deles em sala de aula ou do grau de da deficiência. Sendo assim, de acordo com GUIMARÃES:

É importante que estejam disponíveis para as crianças objetos/brinquedos, tais como caixas, panos, objetos para construção, bonecos, papéis de diferentes tamanhos, fantasias, além de objetos variados da vida social. Esses materiais devem funcionar como suportes e possibilidades de escolha e de combinações para as ações, interações e invenções das crianças (2006).

O lúdico se torna importante, pois, os bebês interagem, prestam atenção e se envolve durante a realização da contação de história. A incorporação do lúdico contribui para que os bebês estabeleçam associações e significações ampliando possibilidades de aprendizagem.

#### **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Nesse estudo procurou-se entender um pouco mais sobre a ludicidade na contação de história no processo de inclusão no berçário I, onde a inclusão deve começar no início da vida do ser humano nos espaços familiares, de pré-escola e social.

Foi analisado durante as pesquisas realizadas as dificuldades que são encontradas nas contações de histórias com bebês com deficiências em relação à fala, a atenção, a falta de adaptação, o choro, e também aqueles bebês que já estavam adaptados, os que começam a falar pequenas palavras e os que não choram, foi notado que a diversidade de conhecimentos



e dificuldades é grande, e que faz necessário uma adaptação as contações de histórias para todos em geral.

A contação de história no processo de inclusão na turma do berçário I, é de fundamental importância, pois ajuda os bebês com deficiências a perceberem que são importantes e que são capazes de se desenvolver, principalmente o cognitivo deles, de modo mais profundo e significativo, sendo assim, de forma prazerosa quando são utilizados com o objetivo de envolvê-los nas contações.

A estimulação dos bebês com deficiências a partir da contação de história com a ludicidade utiliza centenas de linguagens de que se dispõe hoje de uma maneira que contribua com o seu pleno desenvolvimento cognitivo, afetivo e social. A valorização da contação de histórias na educação infantil possibilita às crianças um desenvolvimento completo, logo, a contação de história deve acontecer a partir dos primeiros anos, principalmente quando tem bebês com deficiência na creche, para assim, termos uma turma estimulada.

A interação entre os bebês; o bom desenvolvimento na linguagem; a identificação de bebês apáticos, distraídos, desmotivados (comportamento), hiperativos, autistas entre outras deficiências; devem ser observados pelo docente, para assim, ter um desenvolvimento produtivo da sala.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao terminar este trabalho pode-se chegar à conclusão que a contação de história infantil no processo de inclusão pode auxiliar os bebês, que estão inseridos no processo ensino e aprendizagem nas creches ou berçários, especialmente a desenvolverem-se emocionalmente e cognitivamente, levando a nós educadores a pensar e repensar em práticas que envolva esses bebês a se estimularem diariamente.

Os educadores devem buscar meios e maneiras de fazer parte do desenvolvimento desses bebês com deficiências, a ser incentivador e não desistir das dificuldades que encontra-se na pré-escola. Sabendo que não é fácil quando se encontra pessoas com deficiências em sala de aula, mas faz necessário está pesquisando e inovando constantemente, para assim, constatar o desenvolvimento desses bebês.



# III CINTEDI

A história ajuda a desenvolver o senso crítico, favorece o progresso da oralidade, permitindo os bebês com deficiências a se expressar através da fala no decorrer do tempo. O professor é um grande mediador de leitura, pois quando inserimos os bebês com deficiências no mundo literário vários fatores ajudam no desenvolvimento, tanto cognitivo quanto social. O processo de inclusão no berçário I através da contação de história põe em cena o mundo imaginário dos bebês com deficiências, despertando o seu senso crítico, possibilitando assim, o desenvolvimento da oralidade e da sua formação social.

## 6 REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Editora Scipione, 2001.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

\_\_\_\_\_. CONEP. **Resolução nº. 196/96**. Dispões sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília, DF, 1996.

\_\_\_\_\_, **Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica**. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. CEB/CNE. Brasília, DF: Imprensa Oficial, 2001.

\_\_\_\_\_, Ministério da Educação e do Desporto. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. São Paulo: Ed. do Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_, **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. - Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASÍLIA. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. (RCNEI) Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [www.mec.gov.br](http://www.mec.gov.br). Acesso em 22/04/2018

BUSATTO, Cléo. **A Arte de contar histórias no século XXI: tradição e ciberespaço**. Petrópolis: Vozes, 2006.

GUIMARÃES, Daniela de O. **Educação infantil: espaços e experiências**. In: Série “O cotidiano na educação infantil”. Boletim 23, Programa Salto para o Futuro, TVE, Rio de Janeiro, novembro de 2006. Disponível em: <http://www.tvebrasil.com.br/SALTO>. Acesso em: 21/07/2018.

JANUZZI, Gilberta de Martinho. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI**. Campinas. Autores Associados, 2004. Coleção Educação Contemporânea.

OLIVEIRA, Daiany Delbone de. **O processo de ensino-aprendizagem na educação infantil**. Revista espaço da Sophia. Wenceslau Braz: Faculdade de Ciências de Wenceslau Braz, n.23, a.2, fev.2009.

SISTO, Celso. **Textos e pretextos sobre a arte de contar histórias**. Positivo. 2ª Ed. Curitiba Série: Práticas educativas, 2005.

Pesquisa no site: [http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas\\_tecnicas\\_pne\\_2011\\_2020.pdf](http://fne.mec.gov.br/images/pdf/notas_tecnicas_pne_2011_2020.pdf). Acessado em 21 de junho de 2018.